



ASPECTOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CRISTÃ NA PROVÍNCIA ROMANA DA GALÁCIA NO PRIMEIRO SÉCULO DA ERA COMUM

Rafael de Paula¹, Roney de Carvalho Luiz²

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em História, na Modalidade EAD, UNICESUMAR, Maringá-PR. Bolsista ProbiC-UniCesumar

² Orientador, Professor Mestre e Coordenador do Curso de Teologia EAD, UNICESUMAR

RESUMO

A identidade é um processo de construção fundamentado numa relação do tipo “nós” e “eles”. O estabelecimento desta relação se dá na medida em que grupos sociais interagem uns com os outros. Dessa relação emanam elementos de fronteiras de identidade, que permitem que indivíduos consigam se perceber como parte integrante de um determinado grupo e não do outro. As variáveis que articulam neste processo de construção de identidade são variáveis sociais, culturais, religiosas e étnicas. O nascente Cristianismo ainda não era uma religião plenamente estabelecida, no contexto da Província Romana da Galácia, no Primeiro Século EC, mas ainda uma facção dentro do Judaísmo estabelecido. Entretanto, já figuravam para aquele grupo representativo do Cristianismo Primitivo, variáveis de que articulavam no processo de construção de uma identidade própria a parte do Judaísmo já estabelecido e, ao mesmo tempo, a parte dos demais grupos sociais e religiosos próprios do restante do Mundo Greco-Romano. A compreensão de quais eram essas variáveis histórico-sociais viabiliza a compreensão das características mais primitivas e mais essenciais do movimento religioso que, mais tarde, se tornou determinante para a formação de toda a Cultura Ocidental. A compreensão dessas variáveis delimitadoras de fronteiras da identidade do nascente Cristianismo possibilitariam elementos importantes para a articulação de um discurso inter-religioso no Cristianismo contemporâneo. A Pesquisa tem por objetivo investigar quais teriam sido essas variáveis histórico-sociais, visando a) Distinguir características primitivas que fizeram parte da essência do Movimento Cristão em suas origens, do ponto de vista de sua relação com o Mundo Greco-Romano, a fim de b) Estabelecer parâmetros de diálogo inter-religioso à luz das demandas da sociedade Pós-Moderna. A Pesquisa emprega o Método Bibliográfico, consistindo em a) Revisão bibliográfica de pesquisas que contemplem estudos relativos ao período histórico do Mundo Greco-Romano do Primeiro Século EC; e b) Revisão bibliográfica de pesquisas sobre as origens do Cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: História; História das Religiões; Identidade; Identidade em Construção;

1 INTRODUÇÃO

As linhas de separação entre o “nós” e o “eles” não são fixas e imutáveis, mas flexíveis, adaptáveis, permeáveis, elaboradas dinamicamente por meio da interação social. São essas linhas perceptíveis e definidas, mas ao mesmo tempo flexíveis, que cooperam determinantemente com a autocompreensão em relação ao “outro”. Elas são a dinâmica do processo de construção de identidade que ao mesmo tempo tanto as delinea quanto as mantém e as revisa, por meio de adaptações e mudanças, mais ou menos rígidas (LIEU, 2004, pp. 13-14). Essas linhas de separação são as “bordas” ou “fronteiras” que delinham a distinção entre o “nós” e o “eles”, elaborando a autocompreensão e por consequência o conceito de identidade (LIEU, 2004, pp. 98-100). A compreensão do “nós” tem seu foco no que se compreende ser o “eles”; e a manutenção do “nós” depende da manutenção do “eles”. “Atos de formação de identidade são atos de violência”



(SCHWARTZ, 1997, p. 5 apud LIEU, 2004, p. 15). Os conflitos, portanto, são parte integrante e até mesmo importante da elaboração das linhas de fronteira no processo de construção de identidade.

No que se refere à construção de uma nascente identidade cristã, o processo de elaboração dessa identidade não possuía uma variável étnica determinante. Pelo menos do ponto de vista de sua vertente prevalente, tratava-se de um movimento alegadamente acima das questões de etnia, como exemplificado por Gálatas 3.28¹ e também pela expansão da Igreja Cristã, historicamente subsequente. Assim, “os cristãos tiveram que inventar novos parâmetros de acordo com os quais eles pudessem moldar sua própria identidade” (LIEU, 2004, p. 20), dentro do ambiente Greco-Romano de berço judaico em que foram concebidos.

A controvérsia da Carta aos Gálatas (texto canônico para os cristãos) sobre as “obras da Lei” é um assunto de disputa teológica e de interpretação da experiência religiosa que interferia diretamente no processo de autocompreensão das comunidades dos seguidores de Cristo, na Província da Galácia Romana do Primeiro Século EC. O apóstolo Paulo (o provável autor da Carta, segundo as evidências históricas e textuais), o genitor espiritual daquela(s) comunidade(s), por meio da referida Carta, estava tentando convencer seus convertidos Gálatas de como eles deveriam se posicionar em relação às exigências do judaísmo tradicional. Aquela era uma discussão que fatalmente tocaria no processo de construção de identidade daquele movimento, contribuindo em delinear as linhas de fronteira entre o movimento dos seguidores daquele “Messias judeu” e o judaísmo tradicional. Uma relação do tipo “nós” e “eles”.

Ciente ou não, em sua controvérsia sobre as “obras da Lei”, o apóstolo Paulo estava cooperando com a construção de uma identidade não apenas para os seus gentios convertidos, mas, de modo mais geral, para o movimento dos seguidores de Cristo como um todo. Porque os elementos de fronteira de identidade advindos dessa discussão (teológica) seriam característicos para o movimento crente no Messias Jesus, fosse de origem judaica ou gentílica, dentro ou fora da Galácia. Querendo ou não, uma relação “nós” e “eles” estava sendo articulada para os adeptos daquele movimento. Judith Lieu (2004, p. 5) comenta que:

A afirmação de Paulo, “Não há Judeu ou Grego, não há escravo ou livre, não há macho ou fêmea; pois vocês são um em Cristo Jesus” (Gal 3.28). Pode, no contexto, ser bem específica a situação das igrejas para as quais ele estava escrevendo, mas os sentimentos dessa afirmação deliberadamente evocam e transformam as divisões fundamentais da humanidade.

De fato, o que é surpreendente sobre esta afirmação, e Paulo pode ter esperado que isso fosse percebido, é que numa primeira leitura isso parece questionar muito do que tem sido dito até aqui sobre as incertezas da emergência de uma identidade cristã; isso parece afirmar uma identidade distinta já presente por volta da metade do primeiro século.

O processo dinâmico que culminou no conceito de uma identidade cristã posterior, mais amadurecida, para o movimento dos seguidores de Cristo, culminando numa ruptura definitiva com o judaísmo, pode não ter sido formal e exclusivamente articulado pelo apóstolo Paulo (ou por suas comunidades da província Romana da Galácia). Entretanto, alguns esboços dessa identidade podem ser deduzidos e apreciados, ainda que de modo rudimentar, em sua disputa sobre a questão das “obras da Lei” com seus opositores. Sendo, neste caso, o contexto da Galácia Romana do Primeiro Século EC um cenário de investigação muito apropriado para a compreensão dos elementos de fronteiras de

¹ “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus.” Texto canônico das Escrituras Sagradas do Cristianismo.



identidade do nascente Cristianismo.

A pesquisa histórica dos aspectos sociais que envolviam aqueles grupos de “cristãos primitivos” na Galácia nos ajuda a compreender, como forma de amostra, algumas das possíveis variáveis sociais, ideológicas e religiosas que figuraram na distinção daquele movimento em relação à sociedade Greco-Romana em que estavam historicamente inseridos. Trata-se de um refinamento da compreensão do processo de construção de identidade pelo qual passou o nascente Cristianismo, em seus primeiros anos. Compreensão muito útil para a compreensão dos valores mais primários e essenciais do movimento que mais tardiamente delineou a cultura Ocidental, seus modos de produção e valores morais sociais.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A Pesquisa emprega o Método Bibliográfico, consistindo no levantamento de dados e compilação de informações a partir de a) Pesquisas que contemplem assuntos relativos ao período histórico concernente ao Mundo Greco-Romano, no Primeiro Século EC; e b) Pesquisas sobre as origens do Cristianismo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pesquisa identificou variáveis sociais e/ou étnicas e/ou culturais e/ou religiosas, próprias à sociedade Greco-Romana, presentes na Província Romana da Galácia do Primeiro Século EC, como seguem abaixo relacionadas. Conforme a fundamentação teórica do conceito de identidade como processo de construção, essas variáveis figuraram como delimitadoras das fronteiras de identidade do Cristianismo em suas essências mais primitivas.

Etnia

A província romana da Galácia era composta por povos de várias etnias diferentes da dos iniciais invasores celtas, como resultado de suas fronteiras grandemente expandidas. Galácia já não era um termo que se referia, necessariamente, ao território centro-norte da Ásia Menor, e o termo Gálata poderia ser usado para várias etnias diferentes. Os povos daquela província eram chamados de Gálatas, independente da etnia.

Os autores gregos e latinos chamaram de Gauleses ou Gálatas os imigrantes de origem celta que invadiram o centro-norte da Ásia Menor, entre 280 e 275 AEC. Eram da mesma origem étnica que os celtas da França e da Grã-Bretanha. As cidades centrais que compunham esses povos eram Pessinunte, Ancira e Tavium.²

1) Religiosidade Gálata

Na Antiguidade as questões religiosas são percebidas como derivadas de uma identificação social de grupo, diferentemente do caráter pessoal da atualidade.³ As sociedades não eram unificadas política ou socialmente. A religiosidade Celta é inferida a partir de análises comparativas de registros de religiões indo-européias.

² Phillip Esler, Op. Cit., p. 30; G. W. Hansen, “A Carta aos Gálatas” IN: DPSC, p. 580.

³ Bianca Miranda Cardoso, Depósitos de sacrifícios humanos e “terrenos de enterramentos formais”: o caso de Góron e a população Gálata, 2014, p. 51.



Havia uma proeminência de práticas religiosas rituais de populações celtas assentadas na região da província romana da Galácia, ainda que outras não tivessem sido completamente abandonadas. Isto que pode ser observado pela “continuidade dos templos e registros da religião das populações frígias” em cidades da região.⁴

A religiosidade grega se manifestava de forma muito diversificada. Apresentava narrativas de esperanças em uma vida paradisíaca além-túmulo para alguns, como no caso dos heróis de Homero. Também se observa esperanças como em Platão, acreditando-se no julgamento após a morte, quando os justos seriam separados dos ímpios.⁵

Essa diversidade religiosa também era marcada pela prática da magia em “diversas formas como amuletos, oráculos e sacrifícios”.⁶ Também incluía outras práticas religiosas como “preces, banhos, libações, procissões, competições e adivinhações por intermédio de oráculos”.⁷ José Luiz Izidoro explica que:

Os povos celtas acreditavam na magia e em sua prática. Para chegar a determinados fins, os poderes mágicos atingiam a vida através de rituais e sacrifícios e recitação de mitos, isto é, de contos sagrados, que se pensava moverem as divindades pela precedência e pelas recordações, para assim aceitarem as necessidades dos mortais. O significado mágico possibilitava o sucesso nas tribos e a prosperidade, como também a germinação e a economia tribal.⁸

A religiosidade dos povos da província romana da Galácia era também marcada por rituais de sacrifícios humanos.⁹ Para o homem da Antiguidade o sacrifício humano era “algo menos escandalizante” já que eram destituídos dos preceitos humanistas vigentes.¹⁰

2) Influências do Mundo Greco-Romano

A Galácia esteve sob o domínio romano desde cerca de 189 AEC e permaneceu, mesmo depois da divisão do Império, em cerca de 395 EC; até as conquistas árabes do século VII.¹¹ Os romanos mesclavam seu caráter político com o religioso nas terras dominadas. Uma das estratégias era a de “construir, criar e modificar as crenças religiosas” em nível local para se adequarem aos interesses romanos para a região.¹²

Assim novas variáveis de efeitos sociais e religiosas foram inseridas na região da Galácia quando esta foi anexada como província imperial romana, por volta de 189 AEC. No entanto, com a anexação da *Provincia Galatia Romana* o culto a Roma e Augusto, por exemplo, foi inserido nas práticas locais, o que pode ser verificado pela transformação do templo de Ankara que anteriormente era dedicado às divindades Men e Cibele que foram substituídas respectivamente por Augusto e Roma. Esta junção entre política e religião era fundamental na autoafirmação das elites romanas.¹³

As elites romanas e nativas dos reinos helenísticos aliançados a Roma exerciam o poder político e também faziam “a mediação entre as divindades e o restante da sociedade”. Tratava-se de um meio de definir a identidade romana na terra conquistada.¹⁴ Se por um lado é importante afastar-se deste berço iluminista em que o ser humano moderno está imerso e que separa política de religião, percebe-se que é, no entanto, muitas vezes impossível reconstruir a face individual do sistema de crenças da Roma

⁴ Bianca Miranda Cardoso, Op. Cit., p. 5.

⁵ Ibid, p. 51

⁶ Ibid, p. 51.

⁷ Ibid., p. 51.

⁸ José Luiz Izidoro, Op. Cit., p. 62.

⁹ Bianca Miranda Cardoso, Op. Cit., p. 58-59.

¹⁰ Ibid., p. 59.

¹¹ Ibid., p. 20.

¹² Ibid., p. 5.

¹³ Ibid., p. 55.

¹⁴ Ibid., p. 55.



antiga, pois o conceito de indivíduo ainda não havia se concretizado como no período moderno. As escolhas religiosas seriam, portanto, perpassadas por expectativas sociais sem se tornar por isso inferiores ou superiores a elas. O mito tinha seu papel complementar na ação ritual antiga, mas a performance correta era central.¹⁵

Com o advento do Culto ao Imperador estabelece-se no cotidiano dos povos dominados outra variável de identidade tanto social quanto religiosa. Essa prática romana porém não eliminou as práticas religiosas locais dos povos dominados. As religiosidades locais primitivas souberam permanecer e interagir com os costumes romanos. Esse também foi o caso da Galácia:

O culto imperial durante a era Júlio-Cláudio foi uma prática pública que cruzou o Mediterrâneo e teve presença específica na província da Galácia, não obstante a permanência das formas religiosas primitivas que permeavam o cotidiano dos povos greco-romanos.¹⁶

A província romana da Galácia teve consolidado o culto ao imperador por toda sua extensão territorial. Esse culto imperial desempenhou um papel importante como veículo de urbanização da região.¹⁷

Hardim afirma que, durante o primeiro século, a veneração pública ao imperador estendeu-se por toda a província da Galácia. Alguns fragmentos de texto, como os juramentos fragmentários de *Gangra*, mencionam provavelmente um santuário onde o culto imperial era organizado, tanto no norte como no extremo sul da Galácia, por volta do ano 4 a.C. Certamente o culto havia também penetrado no território nativo da Galácia. O culto provincial na Galácia foi organizado em Ancira bem antes da província ser ali estabelecida. Mitchell afirma que o culto imperial desempenhou um papel importante como veículo de urbanização dessas regiões.¹⁸

De acordo com a cosmovisão romana, as divindades faziam parte do “corpo de cidadãos da cidade”. Assim o cumprimento das obrigações religiosas deveria ser monitorado pelas autoridades, sendo que possíveis culpados de não cumprimento das obrigações religiosas pudessem ser “excluídos da vida religiosa e cívica” romana. Trata-se de uma cosmovisão distinta da cosmovisão moderna de separação entre o público e o privado.¹⁹

Os sistemas da filosofia helenística, como o Estoicismo e o Epicurismo, ofereceram uma alternativa à religião tradicional ainda que seu impacto fosse, em grande parte, limitado às elites educadas. O culto a governantes também era comum. Ele já existia no período grego foi especialmente utilizado no período romano como forma de propaganda política. A participação dos cidadãos nesses rituais, ainda que esse grupo fosse limitado ao menos inicialmente, era obrigatória e sua ausência era passível de punições.²⁰

Todos esses elementos religiosos e sociais da influência romana lançam luz sobre algumas das inúmeras variáveis de fronteira de identidade que estavam em questão na construção da identidade cristã nas comunidades da Galácia. Essa influência romana, embora real e presente também não precisa ser vista como determinante, como comenta Bianca Miranda Cardoso:

Embora a influência indireta romana e presença de traços culturais árabes sejam possibilidades muito próximas da realidade material da região, frígios e celtas são os grupos cuja presença na formação da cultura gálata é mais perceptível pela análise de vestígios arqueológicos em diversos níveis estratigráficos; incluindo os períodos

¹⁵ Ibid., p. 55.

¹⁶ José Luiz Izidoro, Op. Cit. p. 60.

¹⁷ Ibid., p. 60.

¹⁸ Ibid., p. 60.

¹⁹ Bianca Miranda Cardoso, Op. Cit., p. 56.

²⁰ Ibid., p. 51.



helenístico (III séc. a 150 AEC) e romano (I ao III séc. EC). Disso se depreende que estes povos estariam presentes em maior número, com maior proeminência política ou expressividade.²¹

A identidade religiosa gálata não era romana, ainda que essa fosse uma variável de influência. Era uma identidade religiosa, étnica e social formada pelas interações entre os povos e costumes nativos da região Gálata.

3) Identificação religiosa com o Judaísmo

Por meio de aceitar a circuncisão, os oponentes de Paulo estavam oferecendo aos gentios convertidos a identidade social dos Israelitas, uma identidade com muitos atributos desejáveis. A circuncisão era um dos elementos chaves que constituía aquela distinção de grupo e, talvez, a mais emblemática.²² Esse falso Evangelho a que Paulo reage não era um apelo teológico ou religioso somente, mas também um apelo social, que não deveria ser ignorado.²³

De uma perspectiva de ciência social, a existência de grupos de pessoas que se autodenominavam *Israelitas* descendentes de um suposto ancestral, Israel, e que eram referenciados como *Ioudaioi* ('Judeus') da área geográfica do Mediterrâneo oriental – Judeia – de onde eles haviam sido dispersos, vivendo entre gentios em lugares tão longe da Palestina quanto a Galácia, exige atenção a ser dada a toda a questão da etnicidade. Este fator contribuiu significativamente para a distinção deles como um grupo e deve ser levada em conta ao considerar como eles se relacionavam com outros grupos.²⁴

Na Galácia, provavelmente, havia gentios de vários tipos, especialmente a população Frígia nativa e os mais recentes invasores Celtas, convivendo com gregos e romanos. Todos tinham em comum uma aceitação das práticas religiosas politeístas da Ásia Menor. A chegada dos Israelitas, desde o advento da Dispersão, deve ter produzido uma mudança notória na dinâmica social local. Uma vez que esses judeus, como em qualquer outra parte, estariam determinados em preservar sua identidade de grupo, tão fortemente ligada ao monoteísmo. Características culturais de estilo de vida, tradição e valores, encapsuladas pelas exigências da lei, que as expressavam e as sustentavam. A sobrevivência desses demandava alguma medida de interação com os grupos de gentios circunvizinhos, que deveria ser gerenciada por meio de uma fronteira apenas relativamente permeável.²⁵

De modo geral, Paulo convertera tanto gentios quanto judeus com seu Evangelho, estabelecendo uma comunidade fundamentada numa nova identidade, onde, pelo menos como ideal, não havia nem judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, mas todos um em Cristo Jesus (3.28). Tratava-se de uma nova identidade religiosa e social entrando na dinâmica das interações de grupo, na Galácia, como em toda parte onde pregava seu Evangelho.²⁶

A comunidade de seguidores de Cristo na Galácia fundada por Paulo constituía um terceiro grupo de nem judeus nem gentios que necessariamente interagia com os até então bem definidos grupos de judeus, por um lado, e de gentios por outro.²⁷ Ao escrever

²¹ *Ibid.*, p. 21.

²² Phillip Esler, *Op. Cit.*, p. 72.

²³ Pesquisando o episódio de Antioquia como variável de construção de identidade do Cristianismo Primitivo, Magnus Zetterholm comenta: "A razão pela qual Tiago (e Pedro) abandonaram a mesa de comunhão não era apenas por considerações teológicas, mas também porque "uma prática como essa ameaçava destruir as fronteiras que preservavam a identidade separada do povo Judeu: as motivações deles [Tiago e Pedro] eram social e étnica, tanto quanto teológica". Magnus Zetterholm, *The Formation of Christianity in Antioch*, p. 132.

²⁴ Phillip Esler, *Op. Cit.*, p. 78.

²⁵ *Ibid.*, pp. 86-87.

²⁶ *Ibid.*, p. 89.

²⁷ Alan Segal comenta que "A conversão de Paulo formou a base de suas opiniões. Porém, sem a circuncisão, os homens gentios de Paulo, convertidos ao cristianismo, não poderiam ser considerados judeus, pelos judeo-cristãos tampouco pelos judeus. Como resultado, os convertidos paulinos eram diferentes tanto de seus ascendentes judaicos



a Carta aos Gálatas, Paulo estava trabalhando especificamente nas fronteiras que esse terceiro grupo precisava manter para preservar sua identidade em relação aos outros dois. Especificamente, está lidando com a questão da permeabilidade nas fronteiras entre esse terceiro grupo e suas raízes originais no judaísmo.

Presumivelmente, se os gentios convertidos, possivelmente, ainda não estivessem tão bem estabelecidos na nova fé que encontraram, em comparação com o que já lhes era comum das práticas judaicas, eles estariam bastante susceptíveis a influências do tronco judaico de sua nova fé.

4 CONCLUSÃO

Presumivelmente, os assim chamados gentios pertencentes ao Movimento dos Seguidores de Cristo estavam deixando as religiosidades e a vida social que os identificava, em virtude de sua nova fé, mas, por outro lado, também não podiam se identificar religiosa e socialmente com a fé do judaísmo estabelecido. As variáveis de fronteira de identidade oriundas do mundo Greco-Romano, por um lado; e as variáveis de fronteira de identidade oriundas do judaísmo estabelecido por outro; funcionaram como delimitadores para a relação “nós” e “eles” do nascente Cristianismo. A relação com o Império, o culto ao imperador, as religiosidades de magia, de ritos de sacrifícios etc por um lado; e a guarda das leis alimentares, da circuncisão e dos sábados, por outro; deveriam delimitar as fronteiras de identidade daquele movimento.

REFERÊNCIAS

- ASANO, Atsuhiko. **Community-Identity Construction in Galatians: Exegetical, Social-Anthropological and Socio-Historical Studies**. New York: T&T Clark International, 2005.
- CARDOSO, Bianca Miranda. **Depósitos de Sacrifícios Humanos e “Terrenos de Enterramentos Formais”**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2014.
- ESLER, Philip. **Galatians**. New Testament Readings, edited by John Court. Routledge, 1998.
- HAWTHORNE, Gerald F. & Martin, Ralph & Reid, Daniel G. (orgs). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova & Paulus & Loyola, 2ª. Edição, 2008.
- IZIDORO, José Luiz. **Fronteiras e Identidades Fluídas no Cristianismo da Galácia**. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2010.
- LIEU, Judith M. **Christian Identity in the Jewish and Graeco-Roman World**. New York: Oxford University Press, 2004.

quanto de seus ascendentes pagãos. Eles existiam por si mesmos, em alguma tensão com a Igreja judeo-cristã, bem como, com a comunidade judaica. Eles não poderiam estar ativamente envolvidos na vida judaica sem causar problemas.” Alan Segal, Paulo, o convertido, p. 326.



NOGUEIRA, Paulo A. de S. & Funari, Pedro P. & Collins, John J. (orgs). **Identidades Fluídas no Judaísmo Antigo e no Cristianismo Primitivo**. São Paulo: Annablume, 2010.

SEGAL, Alan F. **Paulo, o convertido: Apostolado e apostasia de Saulo fariseu**. São Paulo: Paulus, 2010.

SLATER O. P., Jennifer. **Christian Identity Characteristics in Paul's Letter to the Members of the Jesus Movement in Galatians**. AuthorHouse, 2012.

UKWUEGBU, Bernard O. **Paraenesis, Identity-Defining Norms, or Both? Galatians 5.13-6.10 in the Light of Social Identity Theory**. The Catholic Biblical Quarterly, 70, 2008, p. 538-559.

ZETTERHOLM, Magnus. **The Formation of Christianity in Antioch: A Social-Scientific Approach to the Separation Between Judaism and Christianity**. Routledge, 2003.